

## **Figura Paterna: Um Estudo de sua Ausência no Desenvolvimento do Superego na Infância.**

Recebido em: xx/xx/2026

Aceito em: xx/xx/2026

DOI: 10.25110/arqsaude.vxxix.2026-XXXX



Adrielly de Fátima Giacarelli Soares<sup>1</sup>  
Evelyn Keppe Costa<sup>2</sup>  
Thays Bernardino<sup>3</sup>  
Sérgio Bezzera Pinto Junior<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho analisa a constituição do Superego frente à ausência da figura paterna na infância. O objetivo é verificar se há consequências no desenvolvimento psíquico de sujeitos expostos a esse contexto. A metodologia adotada para tal elaboração foi uma revisão bibliográfica das principais obras da psicanálise freudiana, como "O Ego e o Id" (1923-1925) e "Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise" (1930-1936). Deste modo, foi possível alcançar as conclusões obtidas, como o resultado da diferenciação entre o pai em si e a figura paterna, bem como suas funções, que podem ser desempenhadas por demais cuidadores, independentemente de gênero, e demais instituições. Afinal, tal instância psíquica não se restringe ao período do Complexo de Édipo. Conclui-se que os impactos não são pré-determinados, podendo acarretar prejuízos ou não; pois, em certa medida, o Superego também se desenvolve através de uma transmissão transgeracional de identificação com o Superego dos cuidadores, tornando-se, ou não, similar a estes. Assim, tal processo corresponde a questões subjetivas do sujeito e depende da forma como ele virá, ao longo de toda a sua vida, a internalizar a lei e simbolizá-la para si. Logo, este trabalho buscou ponderar as possibilidades que cercam tal instância frente a dinâmica da respectiva função paterna, não sua presença material. Deste modo, levando em consideração as especificidades do contexto social em que se insere.

1 Acadêmica de psicologia – Unipar, Cianorte-Pr Email: [adrielly.giancarelli@edu.unipar.br](mailto:adrielly.giancarelli@edu.unipar.br)

2 Acadêmica de Psicologia – Unipar, Cianorte-Pr Email: [Evelyn.costa@edu.unipar.br](mailto:Evelyn.costa@edu.unipar.br)

3 Acadêmica de Psicologia- Unipar, Cianorte-Pr Email: [Thays.bernardino@edu.unipar.br](mailto:Thays.bernardino@edu.unipar.br)

4 Mestre, Docente de Psicologia – Unipar, Cianorte-Pr Email: [Sergiojunior@prof.unipar.br](mailto:Sergiojunior@prof.unipar.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise; Superego; Função Paterna; Freud.

### **Paternal Figure: A Study of its Absence in the Development of the Super-ego in Childhood.**

**ABSTRACT:** This study analyzes the constitution of the Super-ego in the absence of a father figure during childhood. The objective is to verify whether there are consequences for the psychic development of individuals exposed to this context. The methodology adopted for this elaboration was a bibliographic review of the main works of Freudian psychoanalysis, such as "The Ego and the Id" (1923-1925) and "New Introductory Lectures on Psychoanalysis" (1930-1936). Thus, it was possible to reach the obtained conclusions, such as the differentiation between the father himself and the paternal figure, as well as their functions, which can be performed by other caregivers, regardless of gender, and other institutions. After all, this psychic instance is not restricted to the period of the Oedipus Complex. It is concluded that the impacts are not pre-determined and may or may not cause impairments; for, to a certain extent, the Super-ego also develops through a transgenerational transmission of identification with the caregivers' own Super-ego, becoming similar to them or not. Therefore, this process corresponds to the subject's subjective issues and depends on how they will, throughout their lives, internalize the law and symbolize it for themselves. Consequently, this work sought to ponder the possibilities surrounding such an instance regarding the dynamics of the respective paternal function, rather than its material presence, considering the specificities of the social context in which it is inserted.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis; Super-ego; Paternal Function; Freud.

### **Figura Paterna: Un Estudio de su Ausencia en el Desarrollo del Superyó en la Infancia.**

**RESUMEN:** El presente trabajo analiza la constitución del Superyó frente a la ausencia de la figura paterna en la infancia. El objetivo es verificar si existen consecuencias en el desarrollo

psíquico de sujetos expuestos a este contexto. La metodología adoptada para tal elaboración fue una revisión bibliográfica de las principales obras de la psicoanálisis freudiana, como "El Yo y el Ello" (1923-1925) y "Nuevas Conferencias de Introducción al Psicoanálisis" (1930-1936). De este modo, fue posible alcanzar las conclusiones obtenidas, como el resultado de la diferenciación entre el padre en sí y la figura paterna, así como sus funciones, que pueden ser desempeñadas por otros cuidadores, independientemente del género, y otras instituciones. Al final, tal instancia psíquica no se restringe al periodo del Complejo de Edipo. Se concluye que los impactos no son predeterminados, pudiendo acarrear perjuicios o no; pues, en cierta medida, el Superyó también se desarrolla a través de una transmisión transgeneracional de identificación con el Superyó de los cuidadores, volviéndose, o no, similar a estos. Así, tal proceso corresponde a cuestiones subjetivas del sujeto y depende de la forma en que este vendrá, a lo largo de toda su vida, a internalizar la ley y simbolizarla para sí mismo. Por lo tanto, este trabajo buscó ponderar las posibilidades que rodean a tal instancia frente a la dinámica de la respectiva función paterna, no su presencia material, teniendo en cuenta las especificidades del contexto social en el que se inserta.

**PALABRAS CLAVE:** Psicoanálisis; Superyó; Función Paterna; Freud.

## INTRODUÇÃO

A psicanálise é uma teoria formulada no início do século XX, por Sigmund Freud (1900), médico neurologista. Entretanto, mesmo com sua consolidação e reconhecimento atual, está ainda passa por um processo de construção. É essa trajetória que se pretende explorar inicialmente no presente trabalho.

Ao fim do século XIX, Freud, ao atender pacientes mulheres diagnosticadas com histeria, identifica aspectos psíquicos, os quais não eram levados em consideração pelos demais médicos deste período histórico. Pois a ciência da época, se definia como positivista e naturalista; logo, assumia-se relevância apenas para aspectos e fenômenos mensuráveis e passíveis de comprovação material. Ademais, estamos nos referindo a uma sociedade patriarcal, onde tal fenômeno era entendido pela ciência como uma perturbação uterina, simulação e uma doença de caráter de irritação genital, as possibilidades de tratamento se davam a partir da extração do clitóris, por exemplo (Jones, 1953/1989).

Freud (1996), sobre a organização genital infantil, "Eles não sabiam o que fazer do fator psíquico e não podiam entendê-lo. Deixavam-no aos filósofos, aos místicos e aos charlatães: e consideravam não científico ter qualquer coisa a ver com ele" (Freud, 1996b, p. 215). Deste modo, na Idade Média, a histeria era geralmente descrita como uma "possessão demoníaca". Então, diante de tais eventos, Freud assumiu um compromisso pessoal em dedicar-se na relação a seus estudos da Medicina com as investigações sobre o psiquismo humano e seu funcionamento. Portanto, o pensamento freudiano é fruto desse processo.

É válido mencionar, que diante da realidade histórica em questão, a ciência sobressaía a teologia, segundo Carloni (2011), Freud usufrui então de sua formação médica para desenvolver e provar a sua nova teoria como científica, mesmo que os positivistas criticassem e, ainda "critiquem", a Psicanálise como sendo filosofia e não ciência.

Por volta de 1880, em Viena, Freud conhece Joseph Breuer, um médico austríaco e mais velho, Freud, nessa época era ainda recém-formado em Medicina, mas seus interesses já cercavam o fenômeno da histeria, como já discorrido. Essa colaboração propiciou a Freud a compreensão sobre a possibilidade de tratamento por meio do método catártico (cura pela fala), apresentado a ele por Breuer, que o utilizava. Essa colaboração resultou na publicação de "Estudos Sobre a Histeria" em 1895 (Azevedo; Amaral, 2021).

"Breuer teve considerável importância para Freud em termos pessoais, por intermédio do necessário incentivo que ele propiciou em um período crítico, mas a de que suas contribuições intelectuais foram de menor importância" (Jones, 1953/1989, p. 230). Pensa-se que as contribuições de Breuer para a Psicanálise, sucederam-se no desenvolvimento de atribuir aos sintomas histéricos, de fato, uma causa psicológica. Entretanto, no decorrer deste processo de "colaboração"<sup>1</sup>, no qual não será tratado no presente artigo, houve divergências na compreensão sobre o fenômeno da histeria (Azevedo; Amaral, 2021). A discordância entre ambos ainda não era explícita nos Estudos sobre a histeria, mas em meados de 1894, Freud relata que já não mantinha "contato científico" com Breuer (Masson, 1985/1986, p. 83).

---

<sup>1</sup> Embora historicamente descrita como "colaboração", a relação entre Freud e Breuer não se configurou como uma parceria totalmente compartilhada, mas como uma troca de ideias marcada por divergências teóricas e metodológicas.

Posteriormente ao encontro inicial com Breuer, em 1885, Freud viaja até Paris, para encontrar-se com Jean-Martin Charcot, também médico neurologista. Em resumo, as contribuições deste encontro se deram diante da possibilidade de um estudo comprometido dessa psicopatologia, a histeria, e de fato sua relação com conteúdos psíquicos. O encontro entre os mesmos ocorreu no Hospital da Salpêtrière, onde os interesses científicos de Freud, também passaram por uma transição (Azevedo; Amaral, 2021).

Dessa parceria emergiram frutos significativos, chega-se à constatação da histeria não estar relacionada somente com mulheres, mas também com indivíduos do sexo masculino, e que esse fenômeno possuía, de fato, uma base psíquica. Entretanto, assim como com Breuer, há divergência de ideias e discussões que cercam o fenômeno e prática clínica que se realizava. Freud afirma que os sintomas histéricos não possuem relação com a anatomia do sistema nervoso, logo o autor defendia que a mesma não poderia ser estudada empiricamente e de modo observável. Divergente de Charcot que acreditava na relação à etiologia orgânica psíquica (Azevedo; Amaral, 2021).

Freud então se distancia de Charcot e segue solo, tal distanciamento é essencial para o nascimento da psicanálise e conceituação do inconsciente como um sistema que opera o psiquismo (Azevedo; Amaral, 2021). Vale a pena ressaltar que o conceito de inconsciente já existia, logo, tais escritores e filósofos que já o citavam certamente influenciaram Freud (Jones, 1953/1989). Nesse sentido, entende-se que, não foi Freud que descobriu o inconsciente, mas foi ele que se debruçou sobre o assunto e o analisou profundamente na prática clínica.

Assim, funda-se a psicanálise, através dos conceitos de inconsciente reprimido, defesa e repressão, que o autor se dedica a estudar e compreender. Podemos considerar então que sua primeira publicação “Estudos Sobre a Histeria, 1895”, se configura no período pré-psicanalítico, onde ocorreu-se a colaboração do autor com Breuer e Charcot. Mas, somente com “A Interpretação dos Sonhos, 1900”, se consolida o nascimento efetivo da psicanálise como teoria e método autônomo (Carloni, 2011).

A Psicanálise é definida por Sigmund Freud como um método de investigação dos processos psíquicos inconscientes, um método de tratamento das neuroses e, ao mesmo tempo,

uma teoria sobre o funcionamento da vida psíquica. Essa teoria, se refere a um conjunto de conhecimentos que têm como eixo central o inconsciente. Além de uma teoria, a psicanálise também é uma prática clínica reconhecida principalmente pelo método interpretativo e pela escuta atenta, que buscam compreender e dar sentido às manifestações do inconsciente (Carloni, 2011).

Segundo Carloni (2011), esse processo conduz o paciente a um maior autoconhecimento, em um movimento que Freud chamou de “cura pela palavra”. A psicanálise é e foi marcada por contribuições fundamentais de Freud, que destacou a importância de considerar as produções do inconsciente expressas em sonhos, lapsos, sintomas e resistências. Seus estudos foram construídos, para além, de análises de artes, literaturas e demais fontes, a partir da própria experiência clínica com pacientes, em contato direto com suas falas e produções discursivas, sempre com o objetivo de aprofundar a compreensão da vida psíquica (Carloni, 2011).

O autor nos apresenta a ideia da primeira tópica em “*A Interpretação dos Sonhos*”, publicado em 1900, acerca do capítulo VII, nomeado como “*A psicologia dos processos oníricos*”. Nessa obra, Freud debruçou-se sobre os sonhos e seus conteúdos, adiante correlacionando a existência topográfica de um aparelho psíquico que influenciava diretamente sua composição e expressão. Impondo que, o estudo dos sonhos requereu uma nova perspectiva dos conhecimentos psicológicos da época, diante de uma fragilidade nos parâmetros interpretativos. Ressalvando a necessidade de elaboração de hipóteses e suposições sobre o aparelho psíquico, entretanto, mantendo-se em um juízo lógico (Freud 1900/2019).

Adiante, é exposto conceitos importantes acerca do aparelho psíquico, no caso, a 1<sup>o</sup> tópica, Inconsciente (Ics), Pré-consciente (Pcp/Pcs) e Consciente (Cs). Ainda é esclarecido no texto citado, que tais estruturas não podem ser localizadas em estruturas cerebrais, uma vez que, para o autor, lugares dentro do aparelho psíquico, não quer indicar estruturas físicas, mas funções dentro de um modelo teórico da mente.

Vamos permanecer no terreno da psicologia e apenas seguir a sugestão de imaginar o instrumento que serve para as atividades psíquicas como, digamos, um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo assim. A localidade psíquica corresponde, então, a um lugar dentro de um aparelho em que um dos estágios preliminares da imagem se forma (...) a tentativa de chegar à composição do instrumento psíquico a partir dessa dissecação ainda

não foi feita. Ela me parece inócua. Creio que podemos dar livre curso a nossas especulações, desde que mantenhamos sereno o nosso juízo e não tomemos os andaimes pela construção... Assim, imaginemos o aparelho psíquico como um instrumento composto, cujos componentes chamaremos de instâncias ou, por amor da expressividade, sistemas (Freud, 1900/2019, p. 586-587).

Conforme o autor, tal sistema possui então extremidades que perpassam de perceptível para motora, isto governa então as atividades psíquicas (Freud, 1900, p. 540). A seguir, Freud explora sua dinâmica, na qual intitula o inconsciente como o detentor dos efeitos acerca das lembranças. Estas possuindo o potencial de se tornarem conscientes, entretanto, devendo passar antes pelo contato do inconsciente com o pré-consciente. Tal dinâmica resulta em modificações e filtragens dos desejos latentes originais que se encontravam inconscientes (Freud, 1900/2019, p. 590-591).

Deste modo, afirmando-se, a nós, estudantes da psicanálise que tais instâncias comprovam sua existência no cotidiano e também diante processo de análise. Como o próprio autor destaca, a consciência não dá testemunho, mas o inconsciente se mostra através do que chamamos na psicanálise de sintomas e fenômenos (Freud, 1914/2010). Onde sintomas, segundo o mesmo, podem ser observados no cotidiano, através de ações falhas, sonhos e pensamentos espontâneos.

O direito de supor uma psique inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa hipótese nos é contestado de muitos lados. A isso podemos replicar que a suposição do inconsciente é necessária e legítima, e que possuímos várias provas da existência do inconsciente. Ela é necessária porque os dados da consciência têm muitas lacunas; tanto em pessoas sadias como em doentes verificam-se com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho (...) Todos esses atos conscientes permanecem desconexos e incompreensíveis se insistimos na pretensão de que através da consciência experimentamos tudo o que nos sucede em matéria de atos psíquicos, mas se inscrevem numa coerência demonstrável se neles interpolamos os atos inconscientes inferidos. Um ganho em sentido e coerência é motivo plenamente justificado para irmos além da experiência imediata. Se além disso pudermos edificar, sobre a hipótese do inconsciente, uma prática bem-sucedida, mediante a qual influímos no curso dos processos conscientes, teremos neste sucesso uma prova indiscutível da existência daquilo suposto... ou seja, em um estado de inconsciência psíquica. Contradizer o inconsciente seria, em vista de todas as nossas lembranças latentes, algo inteiramente inconcebível (Freud, 1914/2010, p. 75, 76).

Já o conceito do Superego se exhibe na obra "O Ego e o Id", publicada em 1923. Aqui, o pai da psicanálise discorre sobre sua segunda tópica (Id, Ego e Superego) que, porventura, não

anula a primeira (consciente, pré-consciente e inconsciente), mas a complementa, assim como faz o autor em demais obras de sua trajetória. Portanto, as instâncias psíquicas nomeadas como segunda tópica estariam em funcionamento conjunto com a primeira tópica dentro do aparelho psíquico, organizando o Ego como integrante do sistema Pré-consciente/Percepção (Pcp), que inicialmente seria Pré-consciente (Pcs) e, por outro lado, o Id comportando-se em outra extremidade: a inconsciente (Freud, 1923/2011, p. 21).

Em relação ao que estamos por discorrer neste presente trabalho, o Superego (Supereu), segundo Freud inicialmente, houve-se fenômenos que o levaram a supor uma gradação do Ego (Eu), no que se diz a respeito de seu interior, seus conteúdos, e tal se intitula como “ideal do Eu” (ideal do Ego) ou Superego, (Freud, 1923/2011, p. 25). Ademais, o autor menciona esta “parcela” do Ego, possuir relação menos estreita à consciência, logo aproximada mais do inconsciente.

O conceito de Superego, descrito por Freud (1923/2011) como “ideal do Eu”, se constitui primeiramente, através da identificação e oposição primária do indivíduo com os pais, vindo a formar o núcleo do Superego. Essa identificação, é descrita nas primeiras obras do autor como direta e pré-histórica, mas, de certa forma, essas relações são mais complexas comparadas a uma identificação primária. Freud (1923/2011 p. 31), propõe explicar a complexidade da identificação primária através da dissolução do complexo de Édipo. Definindo, neste momento, o Superego como herdeiro do complexo de Édipo, a partir da internalização da figura paterna, sendo sede dos impulsos e destinos libidinais do Id. Segundo o autor, o Superego atua como advogado do Id enquanto mundo interior, em confronto com a representação do Ego, enquanto mundo exterior.

Mas o Super-eu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. (...) O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rápida 32/326 mente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. (Freud 1923/2011, p. 32/33)

Como já pontuado, adiante haverá um salto epistemológico frente a tais suposições e hipóteses. O autor, em *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1930/1936), explora novas possibilidades que complementam as aqui discorridas. Portanto, novamente, é necessário

que compreendamos este processo realizado pelo autor durante sua trajetória, onde ao revisitar suas próprias análises e obras anteriores, as refutou, bem como também às acrescentou.

Retornando ao desenvolvimento da segunda tópica do aparelho psíquico, o autor aprofunda o modo como determinadas exigências parentais e sociais são incorporadas pelo sujeito, dando origem ao Superego. No texto de 1923, afirma, neste momento, que o Superego constitui uma gradação interna do Ego, formada a partir das primeiras identificações da criança, especialmente com as figuras parentais, resultando-se em o ideal do Eu (Freud, 1923/2011). É justamente essa transformação, da autoridade externa para uma instância interna, que permite compreender o papel estruturante do Superego na formação moral, no julgamento das próprias ações e na constituição da responsabilidade subjetiva. Freud descreve que a criança introjeta as exigências e proibições parentais no momento em que se distancia da dependência direta desses objetos, reorganizando-os como um modelo interno a ser seguido. Assim, o Superego passa a atuar como herdeiro do complexo de Édipo, carregando tanto a função proibitiva da figura paterna quanto o ideal que dirige o Eu em direção a uma determinada forma de ser.

No texto, Freud explica que o ideal do Ego estabelece uma exigência para o Ego e funciona como medida com a qual o sujeito avalia sua própria conduta (Freud, 1923/2011). Isso significa que o Superego, mais do que uma instância punitiva, é também uma instância orientadora, que orienta o Eu em direção àquilo que ele entende como correto, aceitável e coerente com os valores internalizados.

Desse modo, ele exerce influência direta sobre as ações do sujeito, produzindo tanto movimentos de inibição de impulsos quanto direcionamentos para comportamentos considerados ideais. Em outras palavras, o Superego atua como uma forma de juiz interno, regulando a vida psíquica por meio da vigilância, da crítica e do estabelecimento de padrões de conduta. É por essa razão que Freud ressalta sua relação menos estreita com a consciência (Freud, 1923/2011), destacando que boa parte de seu funcionamento é inconsciente, ainda que o sujeito sinta seus possíveis efeitos constantemente, por exemplo, nos sentimentos de autoavaliação moral.

Assim, compreender o papel do Superego significa reconhecer a profundidade com que a função paterna se inscreve no aparelho psíquico. A internalização de tais interdições desta função, não necessariamente com a presença empírica, que será alcançada adiante, enquanto portadora da Lei, torna-se elemento integrante para a formação da vida moral e para a

possibilidade de convivência social. Quando essa função se forma de modo adequado, atua como uma instância interna que orienta o Ego na regulação das pulsões provenientes do Id, desenvolvendo no sujeito referências internas que orientam suas escolhas e possibilitam a regulação dos impulsos. Quanto à formulação inadequada, esta pode vir a impactar a instância do Superego, ampliando a hipótese de rigidez, sentimento de culpa excessiva e fragilidade, além da pouca regulação moral. (França; Scapin, 2016).

Desse modo, pensando a partir de uma perspectiva psicanalítica como apresentado a cima, será discutido fenômenos que cercam a função paterna e suas repercussões psíquicas. O tema é desenvolvido frente à crescente incidência de casos de abandono paterno e à ausência desta figura no contexto familiar brasileiro, observa-se a relevância de discussões que considerem a factualidade, analisando implicações e desdobramentos quanto a este cenário. “Em 2024, das 2,4 milhões de crianças nascidas no Brasil, 160.593 delas têm pais ausentes, o que corresponde a 6,59% do total [das crianças] (...) A quantidade de reconhecimento vem aumentando, tanto que 35.512 crianças tiveram a paternidade reconhecida em 2024. Já em 2023, 35,3 mil, um aumento de 8% em relação aos reconhecimentos de 2022, que foram de 32,6 mil” (Fernandes, 2025).

Ainda que o número de reconhecimentos de paternidade venha aumentando, a persistência desses índices pode revelar uma problemática que perpassa a dimensão social e jurídica, podendo vir a atingir também o campo subjetivo (Souza *et al.*, 2025). Nessa perspectiva, a ausência da função paterna pode impactar processos fundamentais de estruturação psíquica, entre eles a constituição do Superego, instância relacionada à internalização das normas, da autoridade e da lei simbólica (Freud, 1923/2011). Entretanto, diante de uma virada epistemológica, Freud (1930/2010) pontua a relevância de expandir tal compreensão, evidenciando que esta função pode vir a ser desempenhada para além do pai biológico, ou demais figura masculina, por cuidadoras do gênero feminino, demais sujeitos e instituições de normas.

Diante das possibilidades e cenário, torna-se pertinente à comunidade científica investigá-las e esclarecer que a ausência paterna não necessariamente será maléfica e destrutiva na constituição subjetiva do indivíduo, especialmente na formação da instância psíquica do Superego (Freud 1930/2010), para assim, contribuir não apenas para o avanço teórico, mas também para um manejo clínico mais ético, possível de simbolização e elaboração.

## **Capítulo 1 - O Herdeiro do Complexo de Édipo: A voz que habita em nós e a renúncia das pulsões**

Como outrora pontuado neste texto, a psicanálise surge como teoria e prática que se debruça, dentre outras questões, sobre a vida psíquica. Freud (1920/2010) em sua obra *Além do Princípio do Prazer*, provoca reflexões sobre a estrutura do aparelho psíquico, destacando o papel que o princípio do prazer tem em seu funcionamento e quais as formas de oposição ao mesmo. É importante salientar que nesse período ainda não havia uma formulação concreta sobre Id, Ego e Superego. Porém, as reflexões trazidas nessa obra prévia podem impactar o que se compreende por superego posteriormente.

Freud (1920/2010) abordou essa questão a partir do pensamento de que o Ego atuará no aparelho psíquico como uma instância que busca contornar o desprazer, ou seja, vai contra o que é trazido dos conteúdos reprimidos pelo inconsciente. Desse modo, o autor frisa que:

[...] a resistência do Eu consciente e pré-consciente está a serviço do princípio do prazer, pois ele quer evitar o desprazer que seria gerado pela liberação do reprimido, e nós nos esforçamos, apelando ao princípio da realidade, para conseguir admissão desse desprazer (Freud, 1920/2010 p. 132).

Nessa perspectiva, é possível refletir que o autor inicia um percurso acerca de uma instância inibitória, um mecanismo que buscará censurar internamente o indivíduo, mesmo que ainda não o nomeie como Superego. Aqui, ainda indica a repressão, revelando que alguns impulsos existentes no sujeito acabam por serem expulsos da consciência:

Então eles são segregados dessa unidade por meio do processo da repressão, mantidos em graus inferiores do desenvolvimento psíquico e têm cortadas, de início, as possibilidades de satisfação. Se depois conseguem, mediante desvios, obter uma satisfação direta ou substitutiva, algo que ocorre facilmente com os instintos sexuais reprimidos, tal sucesso, que de outro modo teria sido uma ocasião de prazer, é sentido como desprazer pelo Eu. (Freud, 1920/2010, p. 124).

Leander (2005) também narra esse percurso que Freud realizou antes de cunhar o termo Superego. A autora sinaliza que na obra *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* de 1907, o autor já mencionava a presença de uma consciência diferenciada, a qual tem origem no recalçamento de ideias sexuais que não são compatíveis com a consciência. Assim, essa consciência especial abordada por Freud é um esboço de uma formação defensiva que posteriormente será abordada pelo autor na construção do ideal do Ego, Ego e Superego. Desse modo, reconhece-se que o autor já delineava um conceito de Superego em obras anteriores ao Ego e o Id, obra de 1923, demonstrando percepções sobre essa instância e o seu impacto no indivíduo e em suas ações.

O conceito de Superego se encontra no aparelho psíquico, como uma instância estrutural, assim como o Ego e o Id. Em sua obra *O Ego e o Id* (1923/2011), Freud discute que o Ego, enquanto uma organização dos processos psíquicos, se relaciona com o externo, seja com a cultura ou a sociedade, sendo importante que haja uma estrutura responsável por controlar essas relações e percepções psíquicas, denominada de Superego. Em trabalhos anteriores o psicanalista já abordava uma ideia de uma instância nascida do recalçamento de pulsões sexuais, a qual emergia de um sentimento de culpa.

Dessa maneira, será nas relações interpessoais que o Ego e o Superego irão se construir. O primeiro, calcado na identificação que a criança firma com seus pais, familiares, professores e outros do seu meio social. Já o segundo, é formado a partir da postura crítica que as figuras parentais exercem na vida dessa criança, sendo estas internalizadas e incorporadas, passando a constituir o seu mundo psíquico. Nessa vertente, Freud (1923/2011) frisa que essa movimentação do Superego não indica apenas que o sujeito seja como a figura do pai, mas também a proíbe “Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele” (p. 31).

Como já pontuado, pode ser visto enquanto um resultado da dissolução do Complexo de Édipo, ou seja, os pais passam de figuras externas para figuras internalizadas. Esse processo é importante para a construção do aparelho psíquico, ocorrendo pelo mecanismo de identificação. Dessa maneira, o autor propõe que as transformações ocorridas nas primeiras relações objetais do sujeito contribuem para a construção do ego, no qual a identificação, mecanismo no qual irá assimilar traços do outro, irá fomentar mudanças na estrutura do ego. Essa movimentação

institui uma incorporação do objeto no próprio ego, conduzindo ao processo de internalização (Freud, 1923/2011).

Não obstante a isso, a identificação primária com a figura parental servirá como base para futuras escolhas objetais e até mesmo para a continuidade da formação psíquica do indivíduo. Com a instauração do complexo de Édipo, é notório que se erguem relações ambivalentes com pai e mãe, ou seja, a criança passa de investimentos libidinais a tendências hostis, demarcando o caráter contraditório das relações nesse momento do desenvolvimento. Esse complexo não se findará pela simples renúncia ao objeto, mas a partir da transformação dessas ligações em identificações, como frisa o autor:

Podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu (Freud, 1923/2011, p.31).

Essa movimentação pode ser encarada como um processo no qual os vínculos afetivos e a rivalidade, muitas vezes observadas nessa fase, constroem identificações internas. Isso corresponde a uma noção de que se cria uma autoridade interna, a qual passa a conduzir o julgar o próprio comportamento do indivíduo em sua vida cotidiana. Assim, quanto mais expressiva é a ocorrência do Complexo de Édipo e mais rapidamente é conduzida sua repressão, maior será o domínio do Superego sobre o Ego, pensando em uma instância moral (Freud, 1923/2011).

Além de discutir a formação do Superego, Freud (1923/2011) também versará sobre a função dessa instância na dinâmica psíquica, a partir de um entendimento voltado para a aplicação de normas e críticas ao Ego. Assim, discute que tendo sua constituição baseada na internalização das figuras parentais, o Superego irá apresentar uma função crítica e vigilante sobre o ego, de modo que há um deslocamento da autoridade paterna externa para o contexto psíquico da criança. Além disso, o superego também terá papel importante de exigir questões morais e ideais, as quais são herdadas das figuras parentais, formando o ideal do ego.

Portanto, além de atuar na regulação de comportamentos por meio das normas auto impostas, o superego também trará ideais sobre os quais o sujeito fará escolhas em sua vida. O sentimento de culpa também fará parte do superego, originado a partir das tensões de suas

exigências e as ações do próprio ego. Assim, ao conservar as figuras parentais no aparelho psíquico, o superego desempenha funções de controle, idealização e punição, se mostrando como uma importante instância na constituição da subjetividade e da moralidade (Freud, 1923/2011).

Assim, o superego irá avaliar de forma interna as questões que estão sendo postas ao ego na vida do indivíduo, frisando que “enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Super-eu o confronta como advogado do mundo interior, do Id” (Freud, 1923/2011, p. 33). Aqui se evidencia a necessidade de que esse superego atue como consciência moral, buscando o ideal internalizado pelo sujeito. É possível reconhecer que esse papel inicial que é desempenhado pelos pais, tem sequência durante a vida com professores, instrutores e outros que passam pelas diversas fases da vida, firmando o papel do Superego enquanto uma bússola moral que conduz as ações do sujeito (Freud, 1923/2011).

Embora Freud (1923/2011) denote que a constituição do superego esteja diretamente vinculada à internalização das figuras parentais, não exclui desse processo outras fontes de incorporação que contribuem para a construção dessa instância psíquica. Aqui, torna-se possível um paralelo entre os achados do autor em *O Mal estar da civilização*, construindo relações entre aspectos culturais e sociais e a constituição do Superego, compreendendo que a vida no âmbito social necessita que haja uma limitação das pulsões individuais. Nesse sentido, afirma que “a civilização é construída sobre a renúncia às pulsões” (Freud, 1930/1996, p. 96), de modo que é possível compreender que para conviver em uma determinada organização social urge a necessidade de que se reprima tendências instintivas.

Assim, essa necessidade acaba passando por um processo de internalização, ou seja, somente ocorrerá a partir do momento que essa autoridade seja internalizada no superego. Considerando a trajetória da discussão pelo autor, é possível reconhecer que as figuras parentais também irão atuar de modo a reforçar esses padrões culturais nas normas e regras que transmitem a criança. Assim, tanto os cuidadores quanto a cultura em que essa criança se insere contribuem como instâncias responsáveis pela manutenção do superego a partir dos processos de internalizar e fomentar as exigências civilizatórias no psiquismo (Freud, 1923/2011; Freud 1930/1996).

## Capítulo 2 - O Prumo da Lei: a função paterna e o sacrifício da onipotência como alicerce da cultura

O dicionário de psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001), destaca que o Superego corresponde a uma das instâncias psíquicas construídas por Freud em sua segunda teoria do aparelho psíquico, o qual possui papel de juiz em relação ao ego, de modo que o estudioso observou características como consciência moral, auto observação e formação de ideais como constituintes dessa instância. Como já narrado, o Superego é visto a partir do resultado do Complexo de Édipo, sendo o seu “herdeiro”, ou seja, resulta da interiorização das exigências das figuras parentais.

Nessa perspectiva, é notório que a figura paterna tem destaque na obra de Freud, aparecendo em diversos trabalhos e suscitando diferentes reflexões que impactam diretamente na constituição do psiquismo, emergindo em conceitos como o Complexo de Édipo, proibição do incesto e na ameaça de castração. Freud (1923/2011) reflete que ao vivenciar os desejos inerentes ao Complexo de Édipo, a criança os renuncia, passando do processo de investir nos pais para se identificar com estes, o que contribui para a internalização da interdição.

É possível notar na obra do autor que esse processo exige do filho que odeie e sinta inveja de seu pai, sentimentos que são transformados em culpa devido ao medo da ameaça de castração que essa figura paterna representa, promovendo transmissão de autoridade e contribuindo para a formação psíquica da criança (Freud, 1924/1996).

Em sua obra *Totem e Tabu*, Freud (1913/1996) reconhece que o triângulo edípico surge muito antes na história da humanidade, no período primitivo, no qual o assassinato desse pai primordial desencadearia a proibição ao incesto. Essa reflexão do autor acaba por construir a base para um aparelho filogenético originário, sob a qual o Complexo de Édipo irá se desenvolver não somente para o indivíduo, mas também impactar a sociedade e a cultura em que se insere. Tal impacto é aprofundado na obra *O Mal-estar na Civilização* (1930/2010), na qual Freud articula que a civilização se fundamenta na renúncia das pulsões e na interiorização da autoridade. Ao assumir a função de vigilância que antes era externa, o Superego instaura o sentimento de culpa como o grande regulador social. Assim, o desenvolvimento cultural da humanidade espelha o desenvolvimento do indivíduo, a agressividade voltada contra a autoridade paterna é internalizada, tornando-se o combustível para a severidade da consciência moral que mantém o laço social e a ordem coletiva.

Ao construir o conceito do Complexo de Édipo, Freud (1924/1996) relata que ao nutrir desejo pela figura materna, o menino acaba por criar uma rivalidade com o seu pai. O fim desse período ocorre quando a criança perpassa a ameaça de castração, o medo de que o pai o castre, faz com que abandone o desejo outrora concebido, passando a se identificar com a figura paterna. Com isso, é possível reconhecer que a função dessa figura é conduzir de forma adequada esse ideário de castração, para que a criança seja inserida na realidade paterna, construindo identificação com esse sujeito.

Será nessa toada que Freud irá conceber o surgimento do Superego, a partir da interiorização da autoridade da figura paterna, construindo uma instância moral que baseará a interdição ao incesto. Portanto, é possível evidenciar que a instituição de uma consciência moral e o abandono a ideia do incesto somente ocorrerão a partir dessa intervenção efetiva e com autoridade que é fornecida pela figura paterna (Freud, 1923/1996; 1924/1996).

Emidio e Hashimoto (2012) pontuam que a função paterna na psicanálise precisa ser compreendida por um viés que vai além da dimensão biológica, prezando pela observação da função simbólica que faz parte da estrutura psíquica. Frente a isso, os autores relatam que a relação paterna tem importante papel na construção do sujeito, atuando como mediador na relação estabelecida entre mãe e filho. Assim, a função paterna é descrita como responsável por introduzir uma ruptura na relação de dependência fusional entre a criança e a figura materna, atuando de modo a possibilitar a inserção do sujeito no campo da cultura e das normas sociais.

Ao exercer esse papel mediador, a figura paterna representa aquele a impor limites e que regula os desejos, atuando como uma figura organizadora, importante para o desenvolvimento psíquico da criança. Nessa perspectiva, vê-se o que os autores reconhecem como função simbólica, ou seja, aquele que dentro de um ideal irá cunhar limites, não de forma expressa, mas nos simbolismos inerentes a essa relação. Esse simbolismo transcende a presença física do pai, sendo fundamental para a internalização de regras e para a construção da subjetividade (Emidio; Hashimoto, 2012).

Observando o posto até o momento, é relevante salientar que a relação com a figura paterna tem impacto direto na estruturação da identidade do sujeito, contribuindo para que possua referências que o permitirão desenvolver comportamentos e se relacionar no meio social em que habita. Assim, a não ocorrência dessa relação, ou ainda uma fragilidade na mesma

poderá surtir efeitos de dificuldade na construção identitária e podendo gerar reflexos durante a vida.

Reconhecendo essa importância, Emidio e Hashimoto (2012) ainda refletem sobre as mudanças na configuração da paternidade na era contemporânea. Os autores evidenciam a modificação da estrutura tradicional de paternidade, geralmente alinhada a uma postura autoritária e rígida. Porém, mesmo com essas mudanças, indicam que a função paterna não é apagada da construção subjetiva do indivíduo, mas sim reconfigurada, ou seja, poderá ser exercida por diferentes atores no contexto familiar e social em que está inserido. Assim, o elemento central não reside na figura do pai biológico, mas na existência de uma função que opere como referência simbólica de lei, limite e organização psíquica.

Essa função, contudo, não se constrói de forma isolada no presente, mas fundamenta-se em um processo de transmissão transgeracional, no qual o sujeito se identifica não apenas com o Ego dos pais, mas especificamente com o Superego deste. Como Freud (1933/1996) pontua em suas *Novas Conferências*, o Superego de uma criança é, na verdade, construído segundo o modelo do Superego de seus pais, se torna o portador da tradição e dos juízos de valor que subsistem ao longo do tempo. Dessa forma, a instância do Superego atua como um elo entre o passado e o futuro, garantindo que as normas éticas e culturais sejam preservadas e transmitidas, independentemente das oscilações temporais do Ego individual.

### **Capítulo 3 - Possibilidades em um Desenvolvimento Contínuo: A Adaptabilidade Frente a Complexidade do Superego.**

Faz-se necessário que a teoria leve em consideração as questões históricas e culturais de sua época, para que não padeçamos ante uma lógica reducionista sobre sujeitos. Freud foi um homem além de seu tempo (Roudinesco, 2016), que, durante toda a sua construção teórica, buscou reformulá-la e revisitá-la para obter melhores apontamentos. Em *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1930/1936), o autor traz uma compreensão complementar referente ao Superego e às características para seu pleno desenvolvimento.

O papel que o Super-eu virá a assumir é desempenhado primeiramente por um poder externo, pela autoridade parental. A influência dos pais governa a criança concedendo-lhe provas de amor e ameaças de castigo, que atestam a perda do amor e são temidos por si mesmos (...) Super-eu toma o lugar da instância parental e então observa, dirige e ameaça o Eu, exatamente como os pais faziam com a criança (Freud 1930/2010, p. 143/144).

Já sabemos que tal instância se desenvolve durante o Complexo de Édipo e, para que não venhamos a repetir o que foi discutido inicialmente, em uma lógica reducionista. Não podemos pensar que o desenvolvimento pleno ocorre apenas com a presença do pai. Como bem apontado acima pelo autor, tal instância se elabora com a influência dos pais. Adiante, há uma diferença fundamental entre a presença do pai e a presença da função paterna (Freud, 1930/2010)

Para Freud, a função paterna representa a lei e limites, que devem ser internalizados (Freud, 1923/1996; Freud, 1924/1996), ou seja, a figura diz respeito à simbolização. Essa função pode ser desempenhada, de fato, pelo pai biológico ou, levando em consideração a questão que levantamos na presente pesquisa e recorrente em nossa época e cultura, o abandono/ausência paterno, essa pode vir a ser representada e estar presente através da mãe, avós, outros familiares, demais cuidadores, instituições de normas, como a religião e escolas, até mesmo professores (Freud, 1930/2010).

É neste ponto que se evidencia o aspecto da transmissão transgeracional do Superego e a identificação com o Superego dos pais. De acordo com a teoria psicanalítica freudiana, o desenvolvimento do Superego ocorre também por via de uma identificação com o Superego de seus cuidadores, sejam eles pais biológicos ou não. Isso ocorre além, obviamente, da internalização das respectivas figuras parentais, paterna e materna (Freud, 1930/2010). Por "paterna", compreendemos a função de ser responsável por introduzir uma ruptura na relação de dependência fusional entre a criança e a figura materna, atuando de modo a possibilitar a inserção do sujeito no campo da cultura e das normas sociais, como também já ponderado previamente.

Logo, diante do problema proposto nesta pesquisa “Quais os impactos da ausência paterna no Superego?”, precisamos alcançar a ideia da diferença entre função paterna e o pai em si. Deste modo, a ausência do pai não impede que a função paterna ocorra e seja internalizada. Ademais, não nos cabe, neste momento, desenvolver hipóteses sobre os impactos da ausência do pai em si, pois compreendemos que tais consequências serão subjetivas à constituição psíquica de cada sujeito (Freud, 1930/2010).

Desse modo, evidencia-se que a ausência paterna, responsável pela internalização de normas, que pode ser desempenhada por uma cuidadora mulher ou demais sujeitos e instituições como pontuado anteriormente, pode vir a acarretar prejuízos como no caráter, entretanto pode

ocorrer também o contrário. Visto que a construção desta instância psíquica sucederá a similaridade do Superego dos pais, ou não (Freud, 1930/2010).

Se os pais exerceram de fato um regime severo, acreditamos ser compreensível que também na criança se desenvolva um Super-eu severo, mas a experiência mostra, contrariando nossa expectativa, que o Super-eu pode adquirir a mesma implacável dureza quando a educação foi branda e bondosa, evitando ao máximo os castigos e ameaças (Freud 1930/2010, p. 144).

Portanto, a ausência do pai em si, não necessariamente acarreta em impactos negativos no desenvolvimento do psiquismo de sujeitos, pois esta pode vir a ser desempenhada por demais. Bem como na ausência da figura paterna, pois a constituição e simbolização ocorrerá por vias de uma certa identificação com o próprio superego dos demais cuidadores, como já discorrido. Constata-se, então, que tal fenômeno não diretamente atribuirá prejuízos ao Superego. Pois, no curso de seu desenvolvimento que não cessa no Complexo de Édipo, esse vem a acolher influências das pessoas e instituições, que ocuparam o lugar dos pais/cuidadores (Freud, 1930/2010).

Sobre a mudança da instância parental em Super-eu não sei lhes dizer tanto quanto gostaria, em parte porque esse processo é tão complicado que sua exposição não cabe nos limites de uma introdução, tal como aqui lhes ofereço, e, por outro lado, porque não cremos nós mesmos havê-lo compreendido inteiramente (Freud 1930/2010, p. 144).

A colocação freudiana, ao reconhecer os limites da própria elaboração teórica acerca da constituição do Superego, evidencia a complexidade dos processos envolvidos na internalização das figuras parentais. Portanto, tentamos nós alcançar, por vias desta construção, a compreensão clara acerca de possíveis impactos e consequências, além da distinção entre a presença empírica e a função paterna, obtendo, assim, uma perspectiva acessível à dialética da teoria psicanalítica freudiana com a historicidade. Logo, a ausência paterna, como bem conduzimos até o momento, não necessariamente influenciará e determinará a constituição do Superego, pois este não cessa, estende-se para além da primeira infância (Freud, 1930/2010).

Para o autor, instâncias psíquicas, sintomas, entre outros fenômenos que desenvolveu em sua teoria, não são estruturas, quadros fixos e destinos imutáveis aos quais sujeitos não possuem possibilidade de mudança (Freud, 1926/2014). Sendo assim, Freud (1930/2010) destaca que, se uma criança não possuiu a presença tanto material quanto influente da figura

paterna, isto implica, sobretudo, interrogar falsos destinos impostos. Pois, não quer dizer que essa não virá a ser simbolizada e internalizada em sua adolescência ou vida adulta, visto o desenvolvimento dinâmico e contínuo da em questão, instância psíquica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar a constituição do Superego frente ao fenômeno da ausência material da figura paterna, fundamentando-se na revisão bibliográfica da metapsicologia psicanalítica freudiana. A partir do percurso realizado, foi possível concluir que a estruturação da instância do Superego dentro do aparelho psíquico não depende da presença empírica, e de fato que seja esta a do genitor, mas sim da eficácia do exercício da função paterna (Emidio; Hashimoto, 2012).

Para tanto, o primeiro capítulo denominado **“O Herdeiro do Complexo de Édipo: A voz que habita em nós e a renúncia das pulsões”** deixou evidências, de que segundo Freud (1923), o Superego não nasce pronto, mas é o resultado da dissolução do Complexo de Édipo. O segundo capítulo, **“O Prumo da Lei: a função paterna e o sacrifício da onipotência como alicerce da cultura”**, conclui que a partir dos autores Emidio e Hashimoto (2012) e Laplanche e Pontalis (2001), a função paterna opera como um mediador simbólico que introduz a Lei e permite a inserção do sujeito na cultura, transcendendo a presença biológica do pai. E por fim, o terceiro capítulo, Possibilidades em um Desenvolvimento Contínuo: A Adaptabilidade frente a complexidade do Superego, guiado pelas ideias de Freud (1930), em suas Novas Conferências, permitiu concluir que a ausência paterna não determina prejuízos psíquicos inevitáveis, uma vez que a constituição desta instância moral é contínua e se fundamenta na transmissão transgeracional do Superego dos cuidadores independentemente de quem o exerça.

Como evidenciado, a psicanálise freudiana permite distinguir o progenitor empírico da instância simbólica responsável por introduzir a Lei e romper a díade fusional entre cuidador e criança. Essa função, essencial para o nascimento do Superego como herdeiro do Complexo de Édipo, pode ser desempenhada de forma satisfatória por outros cuidadores, independentemente do gênero, ou por instituições sociais e culturais que operem como referências de limite e alteridade (Emidio; Hashimoto, 2012).

Um dos pontos centrais desta conclusão reside na compreensão de que o Superego se desenvolve não apenas por uma identificação direta com o objeto, mas por uma transmissão

transgeracional. O sujeito identifica-se com o Superego dos seus cuidadores, incorporando tradições e valores que transcendem a presença material. Assim, a severidade ou a fragilidade desta instância moral não está previamente determinada pela configuração familiar, mas sim pela qualidade das identificações e pela forma subjetiva como cada indivíduo simboliza a interdição (Freud, 1923).

Portanto, conclui-se que a ausência paterna no contexto contemporâneo, embora seja um dado social relevante e desafiador, não constitui um destino psíquico de prejuízo inevitável. O desenvolvimento do Superego é um processo dinâmico e contínuo, que se estende para além da primeira infância, permitindo que demais cuidadores, instituições de autoridade e ideais culturais colaborem em sua formação no sujeito ao longo da vida (Emidio; Hashimoto, 2012).

Em última análise, este trabalho reforça a necessidade de uma prática clínica e teórica que evite reducionismos. Ao compreender que o psiquismo é regido pela lógica do simbólico e do subjetivo, abre-se espaço para que a ausência do pai seja elaborada e ressignificada, permitindo ao sujeito a construção de uma ética própria e uma inserção saudável na cultura, para além de quaisquer determinismos biográficos.

Diante das discussões apresentadas, compreende-se que a ausência da figura paterna na constituição do superego não pode ser analisada de forma reducionista ou determinista, mas sim como um fenômeno complexo, atravessado por dimensões psíquicas, afetivas, sociais e culturais. A função paterna, entendida para além da presença biológica, ocupa um lugar simbólico fundamental nos processos de internalização de normas, limites e mediações necessárias à constituição subjetiva. Entretanto, as múltiplas configurações familiares contemporâneas demonstram que tais funções podem ser exercidas de diferentes maneiras, exigindo uma leitura crítica e contextualizada do desenvolvimento psíquico (Emidio; Hashimoto, 2012).

Nesse, destaca-se a importância da continuidade dos estudos sobre a temática, especialmente diante das transformações nas estruturas familiares e das novas formas de vínculo e cuidado presentes na sociedade contemporânea. Investigações futuras podem ampliar a compreensão acerca dos impactos subjetivos da ausência paterna, bem como das possibilidades de reorganização psíquica e construção do superego em diferentes contextos familiares e socioculturais. Assim, o aprofundamento teórico e científico sobre o tema

permanece essencial para a Psicologia, contribuindo para práticas mais sensíveis, éticas e comprometidas com a complexidade da experiência humana.

## REFERÊNCIAS

- Azevedo, G. M. G.; Amaral, H. U. do. O nascimento da psicanálise: das influências de Charcot e Breuer à autonomia. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 44, p. 87-109, jun. 2021.
- Carloni, P. R. A história e a constituição da Psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana. **Revista UniAraguaia**, Goiânia, v. 1, n. 1, 2011.
- Emidio, T. S.; Hashimoto, F. Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA**, 5., 2012, Maringá. Anais [...]. Maringá: UEM, 2012.
- Fernandes, W. Mais de 160 mil recém-nascidos foram registrados sem o nome do pai em 2024. **JusBrasil**, 18 mar. 2025.
- França, D. L. P.; Scapin, A. L. A função paterna na estruturação psíquica do sujeito. **Revista Uningá**, Maringá, v. 50, n. 1, p. 55-60, 2016. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/1313>. Acesso em: 04 maio 2026.
- Freud, S. **A dissolução do complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 19).
- Freud, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Freud, S. **Além do princípio do prazer**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 19).
- Freud, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 16).
- Freud, S. **Inibição, sintoma e angústia (1926)**. In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia, o que é a psicanálise? e outros textos (1926-1929)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-124. (Obras completas, v. 17).
- Freud, S. **Novas conferências introdutórias à psicanálise**. In: FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*.

- Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 124-351. (Obras completas, v. 18).
- Freud, S. **O Ego e o Id**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 21).
- Freud, S. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 13).
- Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Leander, N. R. A construção do conceito de superego em Freud. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 2, p. 63-68, 2005.
- Lunetta, R. G. A. et al. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, São José dos Pinhais, v. 15, n. 7, p. 1–15, 2024.
- Minayo, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- Roudinesco, E. **Sigmund Freud: no seu tempo e no nosso**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- Souza, L. F. et al. A influência da ausência paterna no desenvolvimento psíquico: uma abordagem psicanalítica. **Revista FAMAP**, [S. l.], 2025.

#### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:**

Adrielly de Fátima Giancarelli Soares : Conceitualização, Investigação, Metodologia, Escrita – rascunho original (Resumo, Justificativa, Introdução e Capítulo 3).

Evellyn Keppe Costa: Investigação, Escrita – rascunho original (Introdução e Capítulo 1).

Thays Bernardino: Investigação, Escrita – rascunho original (Introdução, Capítulo 2 e Conclusão), Visualização.

Sérgio Bezerra Pinto Júnior: Supervisão, Orientação, Escrita – revisão e edição.